

Experiências de Cyberbullying relatadas por estudantes do ensino superior politécnico / Cyberbullying experiences reported by polytechnic students

Martins, M. J. D.

*Escola Superior de Educação do
Instituto Politécnico de Portalegre
(Portugal)*

Veiga Simão, A M.

*Faculdade de Psicologia da
Universidade de Lisboa (Portugal)*

Azevedo, P.

*Escola Superior de Educação do
Instituto Politécnico de Portalegre
(Portugal)*

Resumo

As TIC trouxeram múltiplos benefícios mas acarretam também riscos, nomeadamente o cyberbullying, ou seja, a prática de atos agressivos, intencionais e repetidos com recurso a dispositivos eletrónicos para, por exemplo, enviar mensagens insultuosas ou criar websites que difamam e hostilizam os outros. Este estudo teve por objetivos conhecer a frequência e os tipos de cyberbullying praticados, sofridos e observados por estudantes do ensino superior politécnico; saber se se verificam diferenças entre géneros e cursos; identificar as emoções associadas aos diferentes papéis no cyberbullying; identificar os motivos invocados pelos agressores para explicar este tipo de comportamento. Para o efeito construiu-se um questionário quantitativo que foi aplicado a 170 estudantes que frequentavam várias licenciaturas de uma instituição de ensino superior politécnico de Portugal. Os resultados

revelaram que 30,6% dos estudantes já tinham sido vítimas de cyberbullying e 8,2% admitiu ter praticado cyberbullying, pelo menos algumas vezes. Um dos motivos mais evocados pelos agressores para esta prática foi a vingança relativamente a episódios ocorridos anteriormente. Não se verificaram diferenças significativas entre sexos mas o fenómeno era mais frequente em cursos de engenharia comparativamente aos de educação e ciências humanas. Equaciona-se a prevenção do cyberbullying a partir da utilização dos próprios meios de comunicação social para promoção da partilha de informação sobre como utilizar as TIC de forma ética e segura, bem como através da criação de programas e plataformas envolvendo estudantes de vários níveis de ensino com vista à prevenção deste fenómeno. Projeto FCT: PTDC/CPE-CED/108563/2008.

Palavras-chave: *cyberbullying*, estudantes do ensino superior

Abstract

ICT have brought many benefits and opportunities, but have also entailed risks such as cyberbullying, which has been generally defined as aggressive, intentional, and repeated actions through electronic devices in order to send messages and/or create websites that insult, denigrate, threaten, and/or harass others in some way. This study aimed to understand the frequency and types of cyberbullying practised, suffered or observed by students from a polytechnic higher education institute. Furthermore, this study proposed to identify whether there were differences associated with gender and courses, as well as to focus on the emotions associated with the different roles in cyberbullying and the motives invoked by aggressors to explain their behaviour. A quantitative questionnaire was developed and administered to 170 polytechnic students of different courses of a higher education institution in the southeast of Portugal. Results revealed that 30,6% of the students had been victims of cyberbullying and 8,2% had practiced it sometime throughout their academic career. One of the motives invoked by aggressors was vengeance, due to previous events. There were no significant differences between gender, but the phenomenon was more frequent in engineering courses than in education and social sciences courses. Cyberbullying prevention should use ICT and media to share and spread information about how ICT should be used in a safe and ethical way. Lastly, the implications of this study present opportunities for the prevention of Cyberbullying among students

through prevention programs and platforms. Project financed by FCT: PTDC/CPE-CED/108563/2008.

Keywords: Cyberbullying, higher education students

1. Introdução

Nos últimos anos houve um grande aumento e proliferação da utilização das tecnologias de informação e comunicação, não apenas no âmbito do trabalho, do estudo e do exercício das mais variadas profissões mas também em associação ao lazer e à cultura juvenil. As TIC trouxeram múltiplos benefícios e oportunidades mas acarretam também alguns riscos, nomeadamente o *cyberbullying*, que tem sido definido por vários autores como consistindo na prática de atos agressivos, intencionais, e repetidos com recurso a dispositivos eletrónicos, como por exemplo, usar o telemóvel e o computador, bem como os recursos que lhe estão associados, como o e mail e a Internet, para enviar mensagens e/ou criar *web sites* que difamam, assediam, insultam ou hostilizam o outro de algum modo (Amado, Matos, & Pessoa, 2009; Jäger, 2010; Smith, 2009).

Vários autores (Kowalski, Limber, & Agaston, 2008; Willard, 2005) propõem que se classifique o *cyberbullying*, quer quanto ao comportamento praticado, quer quanto às tecnologias utilizadas. Assim, no que às tecnologias respeita, o *cyberbullying* pode ser praticado com telemóvel ou computador, através de:

SMS – enviar ou receber mensagens abusivas;

MMS – enviar ou receber fotos, imagens ou filmes;

E mail – envio de e mails maliciosos ou ameaçadores a alguém ou calúnias sobre outro alguém;

Chatrooms – intimidação e abusos quando se participa em grupos de conversação on-line;

Mensagens instantâneas – de natureza abusiva (MSN, Yahoo);

Websites – revelar segredos ou dados pessoais detalhados de forma abusiva ou colocar comentários desagradáveis nas redes sociais.

No que aos comportamentos respeita, o *cyberbullying* (Kowalski, Limber; & Agaston; 2008; Willard, 2005) pode assumir a forma de:

Insultos inflamados – utilização de linguagem vulgar e agressiva na comunicação on-line com outros;

Assédio – enviar de forma repetida mensagens insultuosas e ameaçadoras;

Difamação – enviar, colocar mensagens ou imagens que não são verdadeiras e prejudicam a reputação dos outros;

Assumir a identidade do outro – fingir ser outra pessoa e enviar mensagens que comprometam essa pessoa;

Revelar dados pessoais de alguém – partilhar on-line segredos ou dados privados e embaraçosos sobre alguém;

Enganar – Levar alguém a revelar segredos ou dados embaraçosos que se partilham on-line;

Exclusão – excluir intencionalmente ou cruelmente alguém dos grupos on-line;

Cyberstalking – Assédio intenso e repetido, com difamação e ameaças repetidas, que cria medo significativo;

Happy slapping – Bater em alguém enquanto outro alguém filma e envia por e mail ou pelas redes sociais.

Uma vez que praticamente todos os estudantes do ensino superior têm computador e telemóvel, usam a Internet, têm conta de e mail e utilizam as redes sociais, e que existem poucos estudos (Walker, Sockman & Koehn, 2011) sobre este fenómeno no ensino superior, este estudo, que inclui uma parte dos dados da dissertação de Azevedo (2013), procurou conhecer melhor este fenómeno no ensino superior politécnico, e foi conduzido paralelamente ao de Francisco (2012) sobre o ensino superior universitário.

Esta investigação teve assim como objetivos:

- Conhecer a frequência e os tipos de *cyberbullying* mais assinalados por estudantes do ensino superior politécnico;

- Identificar qual o nível de ensino (básico, secundário ou superior) em que são recordadas mais ocorrências de *cyberbullying*;

- Verificar se existem diferenças de género e curso associadas ao *cyberbullying*;

- Identificar as emoções e os sentimentos experimentados pelas vítimas neste tipo de situações e se os agressores têm consciência das emoções e sentimentos que o *cyberbullying* provoca nas vítimas;

- Identificar os motivos invocados pelos agressores para explicar a ocorrência de *cyberbullying*.

2. Metodologia

2.1 Participantes

170 Estudantes (141 do género feminino e 49 do género masculino) a frequentar um dos 3 anos de várias licenciaturas (animação sócio-cultural educação básica, enfermagem, jornalismo e comunicação, engenharia das energias renováveis) de cursos do ensino superior politécnico de uma região situada no sudeste de Portugal, com um intervalo de idades situado entre os 18 anos e os 28 (excepto um estudante que tinha 54 anos) e uma idade média de 20 anos.

2.2 Instrumento

Foi construído propositadamente para este estudo um questionário de natureza quantitativa no âmbito do projeto financiado pela FCT: PTDC/CPE-CED/108563/2008, coordenado pelo professor doutor João Amado, tendo sido utilizado pela primeira vez no âmbito desta investigação (Azevedo, 2013) e de uma outra que se realizou paralelamente com estudantes universitários (Francisco, 2012).

A construção deste questionário baseou-se nos resultados de entrevistas a estudantes do ensino universitário e politécnico e em resultados exploratórios obtidos com um questionário de resposta aberta elaborado também no âmbito do projeto acima referido (Souza, Veiga Simão, & Caetano, no prelo). O questionário de *cyberbullying* é um questionário de auto-relato, sobre o tipo e o grau de envolvimento do indivíduo em condutas de *cyberbullying*, composto por 4 subescalas com 10 itens cada: subescala da vítima; subescala do agressor, subescala do observador da vítima; subescala do observador do agressor. Em relação a cada item as alternativas de resposta são sempre 3 (1 = nunca; 2 = algumas vezes e 3 = muitas vezes). O questionário inclui ainda questões sobre: o nível de ensino (básico, secundário ou superior) da última ocorrência de *cyberbullying*; os media utilizados; as emoções e os sentimentos dos envolvidos; os motivos do agressor e sobre quem pode ajudar perante estas ocorrências. Os alfa de Cronbach das subescalas foram: 0,85 na da vítima ; 0,85 na do agressor ; 0,90 na do observador da vítima ; e 0,91 na do observador do agressor .

2.3 Procedimento

Após obtida a autorização das direções das escolas do instituto onde eram ministrados os cursos descritos, os questionários foram aplicados pela terceira autora deste trabalho durante o período de uma das aulas dos estudantes, garantindo-se o anonimato das respostas. Os estudantes demoraram cerca de 15 a 20 minutos a responder ao questionário. Foi utilizado o programa SPSS para as análises estatísticas dos resultados.

3. Resultados

A Tabela 1 apresenta as frequências relativas aos estudantes que admitiram algum tipo de envolvimento no *cyberbullying*, em algum momento do seu percurso escolar (ensino básico, secundário, ou superior). As frequências são elevadas, contudo referem-se não apenas a experiências vividas no ensino superior mas antes a experiências ocorridas em algum momento do percurso escolar do estudante.

Tabela 1: Frequência de estudantes que assinalaram a experiência de estar no papel da vítima, agressor, observador da vítima ou observador do agressor, pelo menos algumas vezes, em algum momento do seu percurso escolar (n=170)

| Vítimas | Agressores | Observadores das vítimas | Observadores dos agressores |
|---------------|--------------|--------------------------|-----------------------------|
| 52 (30,6%) | 14 (8,2%) | 77 (45,3%) | 43 (25,3%) |

Dos 52 estudantes (30,6% do total da amostra) que admitiram ter experimentado a condição de vítima, em algum momento do seu percurso escolar, 30 (56,%) admite saber quem foi o perpetrador de *cyberbullying* e 22 (41,5%) assinalaram desconhecer quem foi o autor desses atos. Ainda desses 53, 19 (43,2%) identificam o perpetrador de *cyberbullying* como sendo um colega de escola.

Dos 14 (8,2% da amostra total) de estudantes que admitiram ter desempenhado o papel de agressor, 7 (50%) identificaram como alvo do *cyberbullying* um colega de escola.

Como se pode ver na tabela 2 a maioria dos estudantes identificam a última experiência de *cyberbullying* como tendo ocorrido no ensino secundário, seguida do superior.

Tabela 2: Nível de ensino da última ocorrência de *cyberbullying* assinalada

| Nível de ensino da última ocorrência recordada | Vítimas | Agressores |
|--|---------------|--------------|
| Básico | 13 (7,6%) | 4 (2,4%) |
| Secundário | 24 (14,1%) | 12 (7,1%) |
| Superior | 24 (14,1%) | 6 (3,5%) |

Tal como pode verificar-se na tabela 3, os comportamentos mais frequentes experimentados no papel de vítima, foram: ser gozado, ser insultado e ter sido vítima de boatos. Na tabela 4 encontram-se os comportamentos praticados no papel de agressor, em que os mais frequentes foram também: gozar e insultar. Comportamentos menos frequentes mas ocasionalmente experimentados ou praticados foram: as ameaças; assédio; fazer-se passar por outra pessoa; revelar informação sobre outra pessoa ou usar a sua imagem sem autorização.

Tabela 3: Experiência no papel de vítima

| Experiência no papel de vítima | Nunca | Algumas vezes | Muitas vezes |
|--|----------------|---------------|--------------|
| Ameaçaram-me | 144 (84,7%) | 24 (14,1%) | 2 (1,2%) |
| Assediaram-me com conteúdos de carácter sexual | 150 (88,8%) | 16 (9,4%) | 4 (2,4%) |
| Espalharam boatos sobre a minha vida | 139 (81,8%) | 25 (14,7%) | 6 (3,5%) |
| Fizeram-se passar por mim | 157 (92,4%) | 13 (7,6%) | 0 (0%) |
| Gozaram-me | 142 (83,5%) | 23 (13,5%) | 5 (2,9%) |
| Insultaram-me | 138 (81,2%) | 28 (16,3%) | 4 (2,4%) |

| | | | |
|--|----------------|---------------|-------------|
| Mostraram que possuíam informação sobre a minha vida | 147 (86,5%) | 22 (12,0%) | 1 (0,6%) |
| Revelaram dados sobre a minha vida privada | 151 (88,8%) | 18 (10,6%) | 1 (0,6%) |
| Usaram a minha imagem sem a minha autorização | 166 (97,6%) | 4 (2,4%) | 0 (0%) |
| Outro | 164 (96,5%) | 5 (2,9%) | 1 (0,6%) |

Tabela 4: Experiência no papel de agressor

| Experiência no papel de agressor | Nunca | Algumas vezes | Muitas vezes |
|---|----------------|----------------------|---------------------|
| Ameacei | 166 (97,6%) | 4 (2,4%) | 0 (0%) |
| Assediei com conteúdos de carácter sexual | 167 (98,2%) | 2 (1,2%) | 1 (0,6%) |
| Espalhei boatos sobre a vida dos outros | 167 (98,2%) | 3 (1,8%) | 0 (0%) |
| Fiz-me passar por outra pessoa | 166 (97,6%) | 3 (1,8%) | 1 (0,6%) |
| Gozei | 159 (93,5%) | 7 (4,1%) | 4 (2,4%) |
| Insultei | 166 (97,6%) | 2 (1,2%) | 2 (1,2%) |
| Mostrei que possuía informação sobre a vida de outra pessoa | 167 (98,2%) | 2 (1,2%) | 1 (0,6%) |
| Revelei dados sobre a vida privada dos outros | 166 (97,6%) | 4 (2,4%) | 0 (0%) |
| Usei a imagem dos outros sem a sua autorização | 169 (99,4%) | 1 (0,6%) | 0 (0%) |
| Outro | 169 (99,4%) | 1 (0,6%) | 0 (0%) |

Foram ainda calculadas as médias nas 4 escalas em função do género e do curso frequentado, como pode ver-se nas tabelas 5, 6 e 7. As diferenças entre géneros não foram estatisticamente significativas e as diferenças entre cursos apenas foram estatisticamente significativas no curso de engenharia das energias renováveis, que teve uma média superior aos outros cursos, mas apenas na escala da vítima.

Tabela 5: Médias e desvios padrão nas 4 subescalas em função do género

| | Género | |
|-----------------------------------|------------------|-----------------|
| | Masculino | Feminino |
| Média vítima | 11,5 | 11,3 |
| DP vítima | 2,6 | 2,4 |
| Média agressor | 10,4 | 10,2 |
| DP agressor | 1,5 | 1,2 |
| Média observador da vítima | 13,1 | 13,3 |
| DP observador da vítima | 4,3 | 4,4 |
| Média observador agressor | 11,4 | 11,4 |
| DP observador agressor | 3,2 | 3,3 |

Tabela 6: Médias e desvios padrão na escala da vítima por curso

| Cursos | Média | DP | Valor mínimo | Valor máximo |
|------------------------------------|--------------|-----------|---------------------|---------------------|
| Animação sócio-cultural | 10,7 | 1,6 | 10 | 30 |
| Educação Básica | 10,8 | 1,9 | 10 | 30 |
| Enfermagem | 11,3 | 2,4 | 10 | 30 |
| Jornalismo e comunicação | 11,0 | 2,0 | 10 | 30 |
| Engenharia das energias renováveis | 12,7+ | 3,1 | 10 | 30 |

Tabela 7: Médias e desvios padrão na escala do agressor por curso

| Cursos | Média | DP | Valor mínimo | Valor máximo |
|------------------------------------|--------------|-----------|---------------------|---------------------|
| Animação sócio-cultural | 10,8 | 1,5 | 10 | 30 |
| Educação Básica | 10,3 | 1,3 | 10 | 30 |
| Enfermagem | 10,3 | 1,4 | 10 | 30 |
| Jornalismo e comunicação | 10,0 | 0,1 | 10 | 30 |
| Engenharia das energias renováveis | 10,5 | 1,8 | 10 | 30 |

As emoções mais frequentemente reportadas pelas vítimas foram, como pode ler-se na tabela 8: raiva, tristeza, indiferença e desprezo e quando questionados sobre o que as vítimas sentiriam, os estudantes no papel de agressor identificaram essencialmente os mesmos sentimentos, o que revela que têm consciência do impacto do *cyberbullying* nas vítimas.

Quanto aos motivos identificados pelos agressores, o motivo mais indicado foi “por vingança de episódios anteriores”; seguido dos motivos “por brincadeira” e “porque não gosto das atitudes dessa pessoa” (tabela 9).

Tabela 8: Emoções e sentimentos das vítimas e percepção dos agressores sobre as emoções e sentimentos provocados nas vítimas

| Emoções e sentimentos | Vítimas (n=52) | Agres. sobre vítimas (n=14) |
|-----------------------|----------------|-----------------------------|
| Alegria | 4 (7,7%) | 2 (14,3%) |
| Ciúme | 0 (0%) | 0 (0%) |
| Culpa | 0 (0%) | 2 (14,3%) |
| Desprezo | 14 (26,9%) | 1 (7,1%) |
| Embaraço | 13 (25%) | 1 (7,1%) |
| Indiferença | 16 (30,8%) | 3 (21,4%) |
| Inferioridade | 5 (9,6%) | 3 (21,4%) |
| Insegurança | 20 (38,5%) | 3 (21,4%) |
| Inveja | 1 (1,9%) | 1 (7,1%) |
| Orgulho | 2 (3,8%) | 1 (7,1%) |
| Preocupação | 13 (25%) | 4 (28,6%) |
| Raiva | 23 (44,2%) | 5 (37,7%) |
| Superioridade | 3 (5,8%) | 1 (7,1%) |
| Surpresa | 9 (17,3%) | 2 (14,3%) |
| Tristeza | 16 (30,8%) | 3 (21,4%) |

Tabela 9: Motivos assinalados pelos estudantes que assinalaram ter desempenhado o papel de agressor de *cyberbullying* (n=14)

| Motivos | Frequências |
|---|-------------|
| Para que o grupo me aceitasse | 1 (7,1%) |
| Por brincadeira | 6 (42,9%) |
| Por não ser capaz de ser afirmativo com os outros | 2 (14,2%) |
| Por vingança por episódios que aconteceram | 9 (64,3%) |
| Porque me quis afirmar | 2 (1,2%) |

| | |
|---|-----------|
| Porque o outro encaixa nos estereótipos para ser gozado | 2 (14,2%) |
| Porque o outro tinha personalidade estranha | 2 (14,2%) |
| Porque não gosto das atitudes da pessoa | 6 (42,9%) |
| Porque não há qualquer problema em agir assim | 1 (7,1%) |
| Porque pertence a um grupo rival | 2 (14,2%) |
| Porque se me maltratam também posso maltratar | 4 (28,6%) |
| Outra razão | 2 (14,2%) |

4. Conclusões

O Questionário de *cyberbullying* para estudantes de ensino superior parece evidenciar uma boa consistência interna, logo uma elevada fidelidade. Relativamente ao nível de ensino em que ocorreu o último ato de *cyberbullying* verifica-se que este foi mais frequente no ensino secundário e superior, quando comparado com o básico, nas quatro escalas (vítima, agressor, observadores de vítimas e observadores de agressores), o que indica a pertinência de se estudar e prevenir este fenómeno nestes níveis de ensino, e sendo coerente com o fato de alguns autores (Ortega, Elipe, Mora-Merchan, Calmaestra, & Vega, 2009) considerarem que enquanto as formas tradicionais de *bullying* envolvem mais os mais novos, o *cyberbullying* envolve mais os mais velhos. A subescala em que houve mais registos foi do observador das vítimas, seguida da subescala da vítima, do observador do agressor e, em último lugar, foi a subescala do agressor, com menos ocorrências registadas. Estes dados são congruentes com os de outros autores (Walker et al., 2011, reportam que 54% de estudantes de ensino superior tiveram conhecimento de alguém que foi vítima de *cyberbullying*). Os comportamentos mais referidos quer pelas vítimas, quer pelos agressores foram insultar e gozar.

A raiva, a insegurança, a tristeza, e a indiferença foram os sentimentos mais assinalados pelas vítimas, ao contrário de outros estudos, por exemplo, no de Ortega et al. (2009) verificou-se que os sentimentos mais associados à vitimação eram o embaraço e o sentimento de inferioridade ou impotência. No estudo que aqui se descreve verificou-se ainda que os agressores parecem conscientes dos sentimentos provocados nas vítimas, pois assinalam com mais frequência que percebem que o *cyberbullying* provoca esses mesmos sentimentos.

Os motivos invocados pelos agressores para a prática de *cyberbullying* revelam

que este ocorre por retaliação de acontecimentos anteriores, sugerindo uma continuidade ou transformação do *bullying* em *cyberbullying*, seguida de motivos que invocam uma desvalorização ou minimização do valor do outro para justificar os atos ou o que o categorizam como uma brincadeira.

Contrariamente ao que acontece nos estudos sobre *bullying*, não se verificam diferenças estatisticamente significativamente entre géneros. De fato, vários autores sugerem que o *cyberbullying* pode considerar-se uma forma indireta de *bullying* (Ortega et al., 2009).

As médias dos cursos mais tecnológicos foram mais elevadas do que nos cursos de educação ou ciências sociais mas apenas foram significativamente significativas na escala da vítima. O que sugere que mais competência no uso das tecnologias pode não se associar a uma utilização mais ética.

Os resultados obtidos evidenciam a pertinência de programas dirigidos e envolvendo estudantes do ensino superior, devendo mobilizar-se as próprias tecnologias para esse efeito: blogs; páginas na net, páginas no facebook, ou em outras redes sociais ou plataformas que enfatizem não apenas aspetos técnicos na utilização das TIC mas também aspetos relacionados com a segurança e as dimensões éticas na utilização das TIC. Os media tradicionais e os novos media deverão assim incluir dimensões relacionadas com a cidadania, a segurança e a ética.

NOTA:

Texto escrito no âmbito do projeto “*Cyberbullying: Um diagnóstico da situação em Portugal*” (Referência: PTDC/CPE-CED/108563/2008), coordenado por João Amado financiado pela FCT, no âmbito do Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER. As conclusões e opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Referências

- Amado, J., Matos, A., & Pessoa, T.** (2009). *Cyberbullying: Um novo campo de investigação e de formação*. In B. Silva, A. Lozano, L. Almeida & M. Uzquiano (Orgs.). *Atas do X Congresso Internacional Galeco-Português de Psicopedagogia*. (CD-ROM). Braga: 9 a 11 Set./09
- Azevedo, P.** (2013). *Cyberbullying em estudantes do ensino superior politécnico. (Dissertação de Mestrado não publicada)*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal.

- Francisco, S.** (2012). *Cyberbullying: A faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia Universidade de Lisboa, Portugal.
- Jäger, T.** (Ed.). (2010). *Taking action against cyberbullying – Training Manual*. Landau: Verlag Empirische Padagogik. Acessível em <http://www.cybertraining-project.org/book/>
- Kowalski, R., Limber, S., & Agaston, P.** (2008). *Cyberbullying*. Oxford: Blakwell Pub.
- Ortega, R., Elipe, P., Mora-Merchan, J., Calmaestra, J., & Vega, E.** (2009). The emotional impact on victims of tradicional bullying and cyberbullying. *Journal of Psychology*, 217,4, 197-204.
- Smith, P.** (2009). Cyberbullying – Abusive relationships in cyberspace. *Journal of Psychology*, 217(4), 180-181.
- Souza, S. B., Veiga Simão, A. M., & Caetano, A. P.** (no prelo, 27(3) 2014). *Cyberbullying: percepções acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento*. *Revista Psicologia, Reflexão e Crítica*.
- Walker, C., Sockman B., & Koehn, S.** (2011). An exploratory study of cyberbullying with undergraduate university students, *TechTrends*, 55, 2, 31-38.
- Willard, N.** (2005). *Educator' guide to cyberbullying and cyberthreats*. Consultado em julho de 2013 em: <http://www.accem.org/pdf/cbcteducator.pdf>